

**O ENSINO DOS GÊNEROS ORAIS  
NO CONTEXTO DA SALA DE AULA:  
A (DES)ARTICULAÇÃO  
ENTRE OS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**

*Elisabeth Gonçalves de Souza (UFMG)*  
[elisabethsouza.cefetrij@gmail.com](mailto:elisabethsouza.cefetrij@gmail.com)  
*Juliana Maria Martinho*

**RESUMO**

Conforme os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, não é papel da escola ensinar o aluno a falar porque isso ele aprende antes da idade escolar (BRASIL, 1998, p. 48). Quando tratadas como objeto de ensino, as questões sobre a língua oral são direcionadas para o “corrigir” a fala “errada” dos alunos, a partir de uma variedade linguística de prestígio social. As orientações para o ensino de língua portuguesa pós-*Parâmetros Curriculares Nacionais* estabeleceram novas abordagens sobre a oralidade em sala de aula, para levar os alunos a falarem adequadamente conforme a situação de uso e grau de formalidade. Sendo a escola o espaço das diferenças, é a partir dela e dos materiais que nela circulam, em especial os livros didáticos, que o ensino da oralidade toma forma e tenta cumprir os objetivos propostos pelos documentos oficiais. Assim, serão apresentados os resultados de uma pesquisa realizada em livros didáticos de língua portuguesa destinados à primeira etapa do ensino fundamental. Nesta pesquisa foram analisadas as atividades direcionadas para a oralidade, sobretudo como são trabalhados os gêneros orais. Para a concretização deste objetivo, realizamos um levantamento quantitativo no *corpus* identificando as seções e atividades relativas ao ensino da oralidade. Na sequência, passamos à análise da abordagem de ensino dos gêneros orais tentando identificar em que medida os livros didáticos se articulam ao que é proposto nos documentos oficiais. Fundamentamo-nos em Fávero (2003), Costa Val (2011), Koch (2008), Travaglia (2007) e Marcuschi (2008), que nos proporcionaram uma melhor visão das formas de abordagem dos livros didáticos e se estes estão ou não articulados às propostas contidas nos documentos oficiais e nas pesquisas de ensino de português.

**Palavras-chave:** Ensino. Gêneros orais. Língua portuguesa. Livros didáticos.

**1. Introdução**

O ensino de língua portuguesa depois dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* estabeleceu novas abordagens sobre o ensino da língua oral, com o intuito de fazer com que os alunos utilizem a expressão oral com confiança e adequadamente conforme a situação de uso e de acordo com o grau de formalidade que cada situação exige. Segundo Marcuschi (2001, p. 25), oralidade é "uma prática social interativa para fins comuni-

cativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso".

De acordo com o mesmo documento, não é papel da escola ensinar a criança a falar: isso é algo que ela aprende muito antes da idade escolar (BRASIL, 1998, p. 48). Talvez, por essa razão, as discussões sobre oralidade no contexto escolar ficaram relegadas ao segundo plano, já que a língua escrita é percebida como prioritária. Quando tratadas como objeto de ensino, as questões sobre a língua oral são direcionadas para o "corrigir" a fala "errada" dos alunos, a partir de uma variedade linguística de prestígio social.

Segundo Fávero (2003, p. 115), "É necessário mostrar que há diferentes níveis de fala e escrita, isto é, diferentes níveis de uso da língua, e que a noção de dialeto padrão uniforme é teórica, já que isso não ocorre na prática".

Sendo a escola o espaço das diferenças, é a partir dela e dos materiais que nela circulam, que o ensino da oralidade toma forma e tenta cumprir os objetivos propostos pelas novas pesquisas e sobretudo pelos documentos oficiais, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, por exemplo. Nesse sentido, os livros didáticos de língua portuguesa são materiais fundamentais na construção de uma prática pedagógica competente, pois, através deles se organiza a seleção de conteúdos, metodologias e meios adequados para o processo de ensino.

Como material importante e grande definidor da prática pedagógica, interessa-nos neste artigo, apresentar de que forma são apresentadas e trabalhadas as atividades que envolvem o ensino da língua oral. Buscamos perceber se as seções direcionadas para o ensino desse conhecimento linguístico levam o aluno a refletir sobre o uso da língua, sua adequação às situações específicas e, sobretudo, se contribuem para que o aluno se torne um usuário competente e seguro.

### 2. *O gênero como objeto de ensino*

Desde a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, em meados de 1990, diversas propostas curriculares se viram obrigadas a inserir os gêneros de maneira efetiva no contexto educacional. Na verdade, existem vários gêneros presentes em diversas esferas, como as da socie-

dade, do cotidiano, da literatura, da burocracia, dos negócios, artísticas e também políticas.

A palavra gênero vem do latim *generu*, que significa família, ou seja, conjunto de seres que se agrupam por semelhanças, sejam elas de quaisquer aspectos. Assim também os gêneros textuais são agrupados por características comuns, que nascem de diversas comunicações que ocorrem em uma mesma área de produção de linguagem, essa é desenvolvida por falantes, seja por meio oral ou escrito, nas relações humanas de modo geral. Dominar a linguagem é uma atividade laboriosa, pois exige esforço de conhecimentos linguísticos e de extralinguísticos, ou seja, não basta saber a gramática da língua, é preciso ter conhecimento de mundo, do contexto social onde se dá o enunciado. Ao se produzir linguagem, produzimos discursos, que como toda atividade comunicativa se dá na interação entre falantes, proporcionando sentidos.

Bakhtin (2003) define gênero discursivo como sendo tipos relativamente estáveis de enunciados, presentes em cada esfera da atividade humana, isto é, tratam das formas típicas de enunciados, falados ou escritos, que acontecem em situações e finalidades específicas, nas diferentes situações de interação social. A heterogeneidade dos gêneros do discurso nos faz crer que é relativamente complicado defini-los com um plano único para seu estudo, pois se trata de fenômenos históricos que estão proporcionalmente ligados a questões, culturais culturais e sociais, além de surgirem com as necessidades de comunicação diferenciadas.

Conforme diz Bakhtin (2003), haverá tantos gêneros de discurso quantas forem as atividades humanas; e ~~que~~ os gêneros se dividem em dois tipos, primários e secundários, o primeiro ocorrendo em situações do cotidiano e o segundo em situações de comunicação mais complexa (gêneros da área jurídica, científica, artística). Isso nos faz inferir que os gêneros contribuem de forma precisa para a ordem e estabilidade das atividades comunicativas do nosso dia a dia.

As atividades humanas não acontecem acidentalmente, nem de maneira desordenada, mesmo que seja em uma conversa informal os enunciados produzidos refletem as condições particulares e os objetivos de cada uma das esferas, que comportam os gêneros discursivos, sem os quais a comunicação verbal não poderia ser estabelecida. Toda linguagem é dialógica, isto é, todo enunciado é sempre um enunciado de um locutor para seu interlocutor. Daí a concepção de gênero do discurso de Bakhtin (2003) como enunciado responsivo, o que está de acordo com a

ideia de linguagem como atividade interativa, e não como forma de sistema, afirma Bakhtin,

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271)

Desse modo, toda compreensão real e plena é ativamente responsiva, o falante não espera uma compreensão passiva, mas que seja feita sobre uma objeção, concordância, participação, resposta, etc., do ouvinte.

Bakhtin ressalta que todas as atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua e que, portanto, não é de admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma conseqüente variedade de gêneros que se afiguram incalculáveis. Não obstante, as variações linguísticas devem ser consideradas, pois, se não, deixamos implícito que possam existir pessoas “sem língua”; tudo está ligado ao enunciado, isto é, à unidade concreta e real da comunicação discursiva, como cita Bakhtin “o enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional”. (BAKHTIN, 2003, p. 259)

Bakhtin observa ainda que toda essa atividade se concretiza “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Marcuschi (2003) afirma que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Isso quer dizer que os gêneros se organizam de uma forma social e cultural, servindo de subsídio para a organização social, por meio de ações retóricas e estruturas textuais.

Nessa perspectiva seria ingênuo dizer que as discussões quanto ao *gênero* estejam referenciando sempre o mesmo objeto teórico, pois são plásticos e maleáveis. Como no caso da *língua*, não estamos diante de um conceito homogêneo, mas de distintas concepções, alicerçadas em correntes teóricas diversas, ou não. Cada enunciado particular é individual, mas cada tempo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

É possível considerar pelos estudos que o gênero discursivo também é uma forma de influenciar/agir sobre o outro, pois trabalhamos com enunciados concretos, realmente produzidos no uso efetivo da língua, Marcuschi diz:

Os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. (MARCUSCHI, 2003, p. 19)

O discurso só se dá por meio de interlocutores, ou seja, é necessário que haja ouvinte/leitor e falante/escritor, isso nos leva a afirmar que o discurso é dialógico, tanto no sentido de interlocutores como incorporando a fala do outro em nosso discurso. Esse caráter dialógico pode nos dizer que o discurso tem aplicação polifônica, como afirma Brandão (2004), “porque meu discurso dialoga com outros discursos, outras vozes nele estão presentes, vozes com as quais concordo (e vem reforçar o que eu digo) ou vozes das quais discordo total ou parcialmente” e ainda afirma que “nenhum discurso é único, singular”.

Quando procuramos entender o sentido de um gênero discursivo, precisamos levar em conta: os interlocutores, o contexto histórico-social, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto em questão. Brandão (2005) afirma que “o discurso é um dos lugares em que a ideologia se manifesta, isto é, toma forma material, se torna concreta por meio da língua”, assim a análise do discurso, lida com formação ideológica, onde saber e poder se unem e se proferem. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* destacam:

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas também, comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes. (BRASIL, 1998, p. 24)

Quando falamos de discursos falamos essencialmente de textos, mas isso não quer dizer que sejam iguais, mas sim que um necessita do outro para se ancorar, pois o discurso se manifesta linguisticamente por meio de textos, o texto é que o materializa. Assim, é através de análises de textos que se pode entender como funciona o discurso, eles estão profundamente interligados, mesmo que diferentes, do ponto de vista da definição.

Através de todos os aspectos apresentados sobre gênero discursivo, podemos inferir que discurso é tudo o que nós falamos, escrevemos e que produzimos em termos de linguagem. Dessa forma, há um número enorme e bastante variável de discursos produzidos ou que estão sendo

produzidos na sociedade (BRANDÃO, 2005). De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, todo texto se organiza dentro de um determinado gênero, a unidade de ensino é o texto e o objeto de ensino são os gêneros do discurso.

A partir dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a discussão sobre o ensino a partir dos gêneros textuais/discursivos levou para as escolas o desafio de se repensar a prática pedagógica inserindo no contexto escolar gêneros que ultrapassavam a esfera pedagógica. Assim, gêneros como a notícia e a reportagem, dentre outros, começaram a fazer parte dos materiais didáticos e, por conseguinte, da prática pedagógica do professor.

Porém, a entrada dos diversos tipos de gêneros textuais no ambiente escolar não garantiu que os gêneros orais tivessem o mesmo tratamento, em especial, na composição dos livros didáticos. Discussões realizadas por Mendes (2005) demonstram como esses materiais ainda deixam a desejar no que se refere à inserção dos gêneros orais. Por este motivo propomos, nós também, uma análise de livros didáticos, no intuito de reforçar as discussões acerca da importância e da necessidade de se repensar o ensino dos gêneros orais, bem como apontar o espaço a eles direcionado em materiais didáticos.

### 3. *Gêneros orais e ensino*

O gênero oral pode ser caracterizado por atividades de linguagem realizadas oralmente, gêneros que se praticam essencialmente na oralidade. Alguns mesmos quando praticados oralmente, contam com suporte dos gêneros textuais, por exemplo, as peças teatrais, que são apresentados oralmente, mas precisam do texto, do script para serem trabalhados na apresentação.

No intuito de buscar uma maior compreensão em relação ao que é o “oral” Schnewly (2010) desenvolveu uma pesquisa com professores cuja questão principal era “o que é o oral?”. A partir das respostas o pesquisador construiu três categorias: o oral como materialidade, o oral como espontaneidade e o trabalho sobre o oral como norma. A primeira categoria aponta, a partir das respostas dos docentes, que oral é algo que se materializa por meio da voz, da boca e ainda por meio do corpo. Na segunda categoria pode definir-se o oral como sendo espontaneidade, como

forma de expressão do cotidiano. Já na perspectiva do oral como norma, se estabelece uma relação de dependência com a escrita.

Dentre as três categorias apresentadas, a segunda categoria foi a mais registrada, ou seja, a maioria dos professores entrevistados define o oral como ligado à espontaneidade, às formas de se expressar cotidianamente, às formas como os alunos se comunicam. Essa definição demonstra que o oral para estes professores é algo nato aos alunos e que assim sendo, isenta-se a escola de sistematizar o ensino da oralidade. É fato que os alunos já chegam à escola falando, porém, ainda não dominam o uso completo da língua, nem escrita, nem oral. Cabe à escola a discussão e a sistematização das duas modalidades. No que diz respeito à escrita, a escola tem claro o seu papel de ensiná-la, mas esse mesmo papel não é tão claro quando se trata da oralidade.

A questão é que a linguagem escrita sempre foi vista nas instituições como formal, cuidada e elaborada e a linguagem oral como informal, descuidada, caótica e não elaborada, tendo assim, a escrita nível maior de relevância e a oralidade assume o aspecto de objeto não ensinável tendo em vista que ela se aprende naturalmente. Assumindo essa posição a escola desconsidera os objetivos do ensino que visam preparar os alunos para dominar sua língua, em situações diversas da vida cotidiana, oferecendo-lhes instrumentos precisos para melhorar a capacidade de escrever e falar. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2010)

De acordo com o *Parâmetros Curriculares Nacionais*, o ensino da linguagem oral deve significar para as escolas possibilitar acesso e usos da linguagem no exercício da cidadania. Assim, dando acesso aos alunos a uma série de atividades de linguagem, desenvolvendo capacidades de linguagens diversas.

Os educandos chegam à escola dominando uma ou poucas variedades e alguns gêneros de rotina e cotidiano, mas raramente todas as variedades da língua e menos ainda têm o domínio dos gêneros da fala em público. Torna-se então papel da escola e do livro levar esses novos gêneros, aparentemente desconhecidos, aos alunos. O *Parâmetros Curriculares Nacionais* vem dizer que devem ser privilegiadas as práticas de linguagem oral das instâncias públicas, pois estas são de menor acesso aos alunos e, portanto, o que realmente precisa ser ensinado.

Deixar o ensino de oralidade pautado em oralização da escrita (leitura em voz alta), interação entre aluno-aluno e aluno-professor, diálogos, ainda é incipiente, pois esse tipo de tratamento não formará o edu-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

cando para a competência e o domínio dos gêneros que estão presentes circulando em exigências públicas e formais da sociedade.

É necessário fazer recurso a vários campos linguísticos, mas não se trata de ensinar saberes específicos de conteúdos dessa área, mas de tomá-los como base para se obter uma compreensão das diversas dimensões integradas nas situações de comunicações exploradas no contexto escolar. Com o tempo o aluno será capaz de entender que cada situação requer uma determinada postura e variedade linguística adequada ao momento.

O ideal para início do trabalho com oralidade é a valorização e exploração dos hábitos culturais e linguísticos, ainda mais ciente da diversidade sócio-cultural existente na nossa sociedade e presente em nossas escolas, dado que hoje nossos adolescentes utilizam gírias e muitas outras variedades linguísticas. Assim, os jovens poderão atuar na vida como cidadãos que defendem seus interesses e ideias oralmente, tendo argumentos para tal, respeitando suas diferenças, sem transformar em algo preconceituoso, por se tratar de uma diversidade linguística presente.

Em suma, o livro didático de português sendo um dos recursos mais utilizados pelos professores deve trazer essa diversidade, e fornecer mecanismos e intervenções didáticas adequadas para desenvolver capacidades dos alunos, que tomarão consciência dos melhores resultados no uso dos gêneros orais como instrumento valioso para domínio da língua, e assim estarão preparados para enfrentar as exigências da sociedade atual.

### 4. *Organização do corpus*

Das 24 coleções aprovadas pelo PNLD/2010, 8 foram escolhidas pelos professores da Rede Municipal de Barbacena. Apresentamos abaixo uma tabela que demonstra as coleções escolhidas pelos professores e a quantidade de estudantes atendidos pela coleção.

<b>Coleção</b>	<b>Nº Escolas que optaram pela coleção</b>	<b>Nº de alunos</b>
A escola é nossa	13	819
Aprendendo Sempre	03	437
Projeto Prosa	03	380
Aprender Juntos	02	307
De olho no futuro	02	277
Conhecer e crescer	01	275
Aventura da Linguagem	01	65

Infância Feliz	01	37
Total	26	2597

**Tabela 1 – Relação coleção adotada por escola/ nº de alunos atendidos**

Neste artigo, dada a sua e a quantidade de dados a serem apresentados trataremos apenas da análise de três coleções: “A escola é nossa”, “Aprendendo Sempre”, “Conhecer e Crescer”. Os demais resultados da análise encontram-se arquivados no Núcleo de Pesquisa Educação “Subjetividade e Sociedade”, da Universidade do Estado de Minas Gerais, Campus Barbacena (MG).

Apresentado o *corpus* geral e definidas as coleções da análise neste artigo, trataremos no próximo item das análises quantitativa e qualitativa a respeito da oralidade.

##### **5. *Percurso da análise: levantamento quantitativo das atividades relacionadas aos gêneros orais.***

Como forma de organizarmos nossa análise optamos pela elaboração de um quadro que demonstrasse o quantitativo de gêneros orais encontrados nas coleções que fazem parte deste artigo, como podemos observar na tabela 02, abaixo.

De acordo com o quadro acima podemos observar que os gêneros orais se fazem presentes nos livros didáticos de português de forma bem variada. Porém, destacamos que o gênero mais recorrente é aquele que diz respeito à oralização da escrita, ou seja, são momentos em que os alunos são convidados a exporem de forma oral sobre textos que leram ou escreveram. Esse tipo de atividade trabalha a interação entre os alunos, mas não cumpre efetivamente a função de ensinar alguns gêneros caracteristicamente orais, como o debate, por exemplo.

Chamou-nos especialmente a atenção a pequena ocorrência dos gêneros “Discurso Político”, “Seminário” e “Debate”. Estes gêneros são caracteristicamente argumentativos, ou seja, contribuem para que o aluno exponha e defenda determinado ponto de vista. A pouca ocorrência destes gêneros pode contribuir para que o aluno desenvolva pouco suas habilidades argumentativas e assim, tenha comprometida sua participação social.

**XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA**

<b>Gênero</b>	<b>Quantidade p.Coleção</b>		<b>Coleção</b>
<b>Contação de Histórias (contos/poemas/anedotas/lendas/causos)</b>	<b>14</b>	8	A escola é nossa
		2	Aprendendo Sempre
		4	Conhecer e Crescer
<b>Debate</b>	<b>10</b>	2	A escola é nossa
		3	Aprendendo Sempre
		5	Conhecer e Crescer
<b>Discurso Político**</b>	<b>1</b>	1	A escola é nossa
<b>Encenação de peça teatral</b>	<b>2</b>	2	Conhecer e Crescer
<b>Enquete</b>	<b>7</b>	4	A escola é nossa
		2	Aprendendo Sempre
		1	Conhecer e Crescer
<b>Entrevista</b>	<b>6</b>	3	A escola é nossa
		1	Aprendendo Sempre
		2	Conhecer e Crescer
<b>Exposição Oral</b>	<b>73</b>	14	A escola é nossa
		17	Aprendendo Sempre
		19	Conhecer e Crescer
		23	Aventura da Linguagem
<b>Oralização da escrita</b>	<b>96</b>	38	A escola é nossa
		29	Aprendendo Sempre
		19	Conhecer e Crescer
		10	Aventura da Linguagem
<b>Seminário</b>	<b>5</b>	5	Aprendendo Sempre
<b>Apresentação Telejornalística</b>	<b>1</b>	1	Conhecer e Crescer

**Tabela 02: quantitativo de gêneros por coleção**

**5.1. Segundo momento: abordagem e direcionamento das atividades relacionadas aos gêneros orais**

As atividades que veremos a seguir serão para exemplificar e ilustrar a maneira como os livros didáticos vêm abordando os gêneros orais, mais precisamente os gêneros recorrentes encontrados nas coleções pesquisadas e analisadas.

Começando pelo gênero oral de maior incidência, que foi a Oralização da escrita, onde apesar de terem um objetivo que envolva a linguagem oral, apresentam outros objetivos que são considerados de maior relevância.

Ex.:

Leia a frase a seguir e, depois, discuta com os seus colegas as questões propostas. (“O livro traz a vantagem de a gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado”). O que você entende por está só e ao mesmo tempo acompanhado? Você concorda com o que a frase acima expressa? Justifique sua resposta. (*A Escola É Nossa*, 4º ano, p. 17)

Neste caso a linguagem oral está sendo explorada como oralização da escrita por meio de atividades de variados objetivos de Interpretação, que visam prioritariamente trabalhar a leitura e a compreensão de textos com questões que comprovem essa compreensão. Essas atividades são mais trabalhadas porque são consideradas como forma de incentivo de participação dos educandos, onde eles poderão se manifestar através dos diálogos, havendo assim, maior interação entre aluno-aluno e professor, porem sempre guiados pelo texto.

Apesar de tentar explorar a opinião do aluno, propondo a ele que se posicione, é ainda insuficiente, principalmente em se tratando de uma atividade de gênero oral. Pensa-se que trabalhar com tais gêneros é somente produzir atividades com momentos de interação e diálogos.

A segunda maneira que é explorada a oralização da escrita é através de atividades de produção de textos, onde no primeiro momento prevalecem as conversas ditas informais para que seja realizada a introdução do tema e/ou assunto a ser abordado no texto que será produzido.

Ex.:

E você, concorda, concorda parcialmente, ou discorda do fato de se manter animais em zoológicos? Com os colegas, debatem assunto. Depois de terem trocado idéias, escreva um texto, expondo sua opinião sobre o fato de animais selvagens serem mantidos presos em zoológicos. (*A Escola É Nossa*, 3º ano, p. 154)

No exemplo utilizado, o livro ainda contou com apoio e suporte de outros textos para auxiliar também nessa organização da produção desse texto, que é de fato o objetivo da conversa gerada.

O terceiro e último modo de abordagem da oralização é a exploração gramatical, na qual seu objetivo é apontar a escrita como ponto de partida e a linguagem oral é somente mediadora.

O exemplo encontrado propunha aos alunos que apresentassem suas opiniões sobre a preservação ambiental. Em seguida deveriam escrever um pequeno texto e ao terminarem trocariam suas atividades com os colegas corrigindo erros de ortografia e gramática, se houvessem.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O outro gênero oral abordado nas coleções foi a Exposição Oral. Visto que a maioria dos alunos encontra bastantes dificuldades em se expressar frente aos demais colegas. É o exercício de expressão mais praticado dentro e fora das escolas com o propósito de partilharem informações, expondo fatos, idéias etc.

Ex.:

A escola da gente é um lugar muito especial. Vamos a ela para aprender, fazer amizades, brincar... Cada escola tem suas características e um “jeito” próprio. Explique oralmente e com suas palavras, qual é o “jeito” de sua escola. O que você mais gosta de fazer nela? Por quê? (*Conhecer e Crescer*, 3º ano, p. 63)

Nota-se que a prioridade é apenas o diálogo, não havendo uma proposta de trabalhar efetivamente com o ensino-aprendizagem da linguagem oral.

Um dos gêneros orais que melhor poderiam ser explorados pelos livros didáticos é a contação de histórias onde é ampliado o universo literário da criança, desperta-se o interesse pela leitura, estimula a imaginação através de imagens interiores e dos universos da realidade e da ficção, dos cenários, das ações e dos personagens narrados em cada história, o que sempre é muito próximo à realidade de cada criança, onde elas fazem uma assimilação com seu cotidiano, com os lugares que frequentam, com os diálogos que ouvem em casa, na rua e em sua comunidade, ou como gostariam que fossem.

Nessas contações utilizam com mais regularidade os contos de fadas, pois estes em seu enredo ou desfecho apresentam uma lição de moral. No exemplo a seguir a proposta é a narração de um conto de fadas, introduzido com texto de incentivo à leitura desse gênero textual.

Nessa atividade podemos notar que visam o trabalho com a linguagem oral, incentivando a comunicação eficaz dando orientações para que seja realizado. Outro detalhe importante é a—que deixam em aberto para que o educando busque esses contos de fadas, pesquise e escolha o de sua preferência a ser narrado para os colegas. Após a narração seria viável explorar o conto, a linguagem abordada pelos personagens, que são é diferente de nossa época, não contendo gírias, abreviações, apelidos, etc. bem como seria interessante que o aluno justificasse sua escolha.

## Narrar conto de fadas

Como é bom ouvir contos de fadas, não é mesmo? “Viajar” pelo mundo encantado dos príncipes, princesas, bruxas, fadas... É como se, de alguma maneira mágica, também fizéssemos parte das histórias.

Mas não é bom apenas ouvir essas histórias. Contá-las para outras pessoas também pode ser uma atividade bastante divertida.

O que você acha, então, de dedicarmos um momento exclusivo para ouvir e contar histórias? Para isso, leia as dicas a seguir.

### Dicas importantes

- Pesquise um conto de fadas em livros. Pode ser algum que você conheça de ter ouvido alguém contar.
- Leia mais de uma vez a história antes de apresentá-la à turma. Dessa maneira, você estará bem familiarizado com ela na hora de recontá-la com as próprias palavras.
- Para recontar a história, é preciso deixar claro quem são os personagens que fazem parte dela, onde ela se passa, o que aconteceu e como tudo terminou.
- No dia marcado pelo professor para a apresentação, conte a história com entusiasmo.
- Procure empregar um tom de voz que possa ser ouvido com clareza, isto é, que não seja muito alto nem muito baixo.



(*A Escola É Nossa*, 4º ano, p. 179)

Outro gênero oral que pode ser mais bem explorado é o Debate, que deve ter por objetivo instigar os alunos a um pensamento crítico, fazendo com que se manifestem, se posicionem e se justifiquem preparando-os assim para participar ativamente na sociedade, principalmente respeitando as diversidades de opiniões existentes.

Ex.:

Que tal organizar um debate sobre convivência? Vocês debateram esse tema no dia combinado com o seu professor. (*Aprendendo Sempre*, 3º ano, p. 36)

Este primeiro exemplo, apesar de cumprir seu objetivo de levar os educandos a uma reflexão, perde a grandiosidade de explorar seu gênero oral, deixando ser produzido apenas, mais uma vez, como conversas, diálogos, vendo assim a linguagem oral como um objeto de ensino autônomo.

Vejamos o segundo exemplo:

## Realizar debate

Na tela *O circo*, pintada há mais de 100 anos, observamos um cavalo em atividade no picadeiro. Já no texto “O maior espetáculo da Terra!”, vimos que os circos modernos não utilizam animais em seus espetáculos.

Agora, vamos ler um texto e conhecer a opinião de algumas crianças sobre esse assunto.

### Crianças têm pena dos bichos do circo

As crianças do colégio Friburgo, em São Paulo, adoram ir ao circo, mas nem todas concordam com o uso de animais em espetáculos.

Pedro Franco, 9, acha errado que os animais fiquem presos. “É horrível ficar preso. Se você ficar trancado no banheiro, vai sair de lá nervoso. Imagine um animal em uma jaula!”

Liz Athia, 10, diz que o circo que tem animais é divertido, mas ela tem pena dos bichos que não estão livres em seu hábitat.

Já Yiroshi Lucas, 10, acha que os animais deveriam viver em um espaço, no mínimo, cinco vezes maior. “O circo só deveria usar animais domésticos.”

Marina Endo, 9, fala que o circo perderia a graça se não tivesse animais.

Gabriela Romeu. “Animais devem continuar no circo?”. In: *Folhinha/Folha* de S. Paulo, 15/4/2000.

Como você viu, há quem ache que não devem ser usados animais no circo, há quem pense que o circo perderia a graça se não tivesse bichos e há ainda quem considere adequado apenas o uso de animais domésticos (cães e cavalos, por exemplo) em exhibições circenses.

E para você: os animais devem ou não fazer parte das atrações circenses? Por quê? Organize com os colegas um debate sobre essa questão.

**SAIBA QUE:** **Debater** é discutir um assunto ou uma questão polêmica, que gera opiniões diferentes entre as pessoas. Os debatedores expõem seu ponto de vista, usando argumentos para justificar suas opiniões.

Em um debate, costumam estar presentes os seguintes participantes:

**Debatedores:** são aqueles que vão discutir o tema. Para isso, preparam os argumentos de sua opinião (contra ou a favor).

**Moderador:** é aquele que vai organizar o debate. Ele apresenta os debatedores, introduz o tema, controla o tempo de cada debatedor falar, não deixa dois ou três falarem ao mesmo tempo etc.

**Público:** são as pessoas que participam do debate apenas assistindo.

Antes de iniciar o debate, vejamos algumas dicas de como se preparar para realizá-lo.

- Marquem com o professor o dia do debate.
- Determinem os papéis de cada um na atividade. Definam também quantos serão os debatedores.
- Aqueles escolhidos como debatedores devem preparar seus argumentos e trazê-los anotados por escrito. Se necessário, leiam mais sobre o assunto ou conversem com outras pessoas sobre ele.
- O apresentador precisa preparar sua fala inicial e final; já o moderador deve planejar a ordem em que os debatedores falarão e o tempo que será dado a cada um.

Ao debaterem, empreguem uma linguagem mais elaborada. Evitem gírias, palavras grosseiras etc.

**SUGESTÃO:** Após o término da atividade, façam um resumo das ideias debatidas. Seu professor escreverá no quadro as conclusões da turma.



(A Escola É Nossa, 4º ano, p. 92-94)

Como podemos perceber houve uma exploração mais eficaz do gênero oral, em se tratando de preparar o educando para as exigências da

esfera pública de comunicação perante a sociedade. Além de ampliar o tema central, a atividade propõe e explica o que vem a ser um debate, quais são as pessoas envolvidas e o papel de cada um deles, além de dar dicas para que haja uma melhor eficiência na sua produção e no desempenho dos alunos.

Ex.:

Ao debaterem, empreguem uma linguagem mais elaborada. Evitem gírias, palavras grosseiras etc.

Visando com que os alunos percebam que cada esfera da nossa sociedade exige uma determinada postura e por consequência determinada linguagem específica que deve ser dominada por eles, esta atividade colabora para que os alunos percebam que os gêneros, tanto orais quanto escritos, são instâncias mutáveis que se adequam à situação de interlocução. Assim, compreender qual gênero deve ser utilizado, a forma como este se organiza pode contribuir para que os alunos utilizem mais efetivamente a linguagem e dela façam uso em situações sociais concretas, especialmente em momentos que seja necessário defender algum ponto de isto é argumentar em favor ou não acerca de uma ideia.

### 6. *Considerações finais*

Diante dos estudos teóricos e das análises realizadas podemos concluir que o ensino de oralidade ainda se encontra totalmente incipiente nos livros didáticos adotados nas escolas públicas da rede municipal de Barbacena (MG).

Percebemos também que a abordagem predominante no livro didático, quando trata do ensino da oralidade, não conduz a uma reflexão sobre língua/linguagem, pois tem o enfoque somente na oralização da escrita, contribuindo pouco para as interações efetivas e para a construção da capacidade argumentativa dos alunos. Sendo assim, o trabalho com a oralidade, não conduz a uma educação voltada ao uso da língua, o que implica-~~a~~ (em) aprender, compreender, produzir textos escritos e orais e adequá-los à situação específica do uso de cada gênero o que contraria a proposta defendida pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Dessa forma, a partir do *corpus* analisado, observamos que o ensino da oralidade a partir dos livros didáticos de língua portuguesa vem falhando na construção de uma cultura linguística que permita comunicação oral em diversas situações.

Ainda é necessário que os livros didáticos sofram com algumas modificações para que se tornem, efetivamente um espaço de construção das práticas de linguagem oral, tanto nas instâncias privadas quanto públicas, em especial na segunda, pois estas são de menor acesso aos alunos e, portanto, os gêneros que circulam nesta instância precisam ser ensinados para que os educandos se tornem efetivamente cidadãos participativos. É necessário também que os docentes, no momento da escolha dos livros, considerem as especificidades de ensino da oralidade e optem por coleções que contemplem da mesma forma escrita e oralidade, ou seja, que façam a opção pelas coleções que busquem desenvolver a autonomia linguística do aluno.

Há ainda uma necessidade de fornecer mecanismo e intervenções didáticas adequadas para desenvolver capacidades que façam com que os educandos tomem consciência dos melhores resultados no uso dos gêneros orais como instrumentos valiosos para domínio da língua, e assim estarão preparados para enfrentar as exigências da sociedade atual.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é? Como se faz?* São Paulo: Loyola, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais (PCN)*. Língua portuguesa. Ensino fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1998.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 1996.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

\_\_\_\_\_. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação e sociedade da informação (orelha de livro). In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale, 2005.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Adelma Nunes Barros. *A linguagem oral nos LD de língua portuguesa do ensino fundamental – 3º e 4º ciclos: algumas reflexões*. 2005. Tese (de doutorado em Língua Aplicada e Estudos da Linguagem). – PUC, São Paulo.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras; [Rio de Janeiro]: ABL, 1996.

\_\_\_\_\_. *Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica*. 49ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC. Belo Horizonte, julho de 1997.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SOUZA, Elisabeth Gonçalves de. *A coesão textual em livros didáticos do PNL/D/2010*. 2012. 284f. Tese (de Doutorado em Estudos Linguísticos). – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.